

## O OFICIAL ARREGIMENTADO

Cel. AURÉLIO DE LYRA TAVARES

Palestra para a 1ª Sessão de instrução dos aspirantes do 3º B.E.

## Meus camaradas :

O 3º B.E. tem-se como verdadeiramente honrado pelo fato de ter sido selecionado para receber-vos. Ele é a vossa Unidade de primeiro destino, e nunca mais haveis de esquecê-lo porque aqui vivereis a primeira fase da vossa vida de oficial. Assim sendo, vossas primeiras impressões como oficiais arregimentados, as lições que aqui aprenderdes, o ambiente que encontrardes, o entusiasmo profissional de que partilhardes, os exemplos que receberdes e o ambiente de camaradagem com que fordes acolhidos repercutirão, sem dúvida, de maneira marcante, em toda a vossa carreira militar. Daí a responsabilidade que o Batalhão assume, não só em receber-vos, como em ter pleiteado a vossa vinda para as suas fileiras. Todos nós, os que aqui já nos encontrávamos, temos a perfeita noção do papel que a cada um nos toca para que sintais, como nós sentimos, um grande orgulho e um grande prazer em servir no 3º B.E. e ao 3º B.E.

Nem tudo, porém, depende de nós, porque a vida de quartel é cheia de problemas por assim dizer rotineiros, que desafiam, todos os dias, os nossos esforços, ao mesmo tempo que estimulam e educam a nossa vontade de trabalhar. Está precisamente nisso a primeira diferença fundamental entre a realidade da vida na tropa e os textos regulamentares que traçam normas gerais a nossa conduta e definem os objetivos a serem atingidos e os princípios a que devemos obedecer. Por mais que se estudem e

se apliquem os regulamentos — e isso constituirá o objeto do Curso que ides receber — há certos deveres e certas normas que não se encontram escritas expressamente, mas que a experiência aconselha que não se percam de vista, sob pena de nos aprimoramos no cumprimento da letra dos dispositivos regulamentares sem lograrmos atingir os fins essenciais que elles colimam.

## A MISSÃO DO OFICIAL ARREGIMENTADO

O oficial arregimentado deve cuidar, essencialmente, de três coisas: do quartel, dos seus homens e de si mesmo.

## I — O Quartel.

A apresentação de um quartel, o seu estado de conservação, o cuidado com os bens móveis e imóveis que elle abrange, definem, quase sempre, o padrão da oficialidade que nelle serve. Assim como o decôr militar se revela no apuro do uniforme, caracterizando uma virtude individual do militar, o aspecto geral de um quartel dá uma primeira idéia do espirito de corpo, definindo uma virtude coletiva da sua oficialidade. É, pelo menos, o resultado lógico do interesse coletivo pelo bom nome da corporação. Está claro que um oficial que presa a sua Unidade, seja, ou não, o responsável direto, há de empenhar-se para que o seu quartel esteja, a todo momento, pronto para receber qualquer inspeção ou visita, inclusive no que toca ao estado do material (carga) que, representando

bens da Fazenda Nacional, constitui um patrimônio sob sua guarda. É com o dinheiro do Povo que se adquire o material com que trabalhamos. É o Povo que o confia ao Exército, e o Exército no-lo entrega para o fim único de que possamos preparar com eficiência os homens incorporados à nossa Unidade. Nestas condições, qualquer negligência na conservação do material sob nossa guarda significa, antes de tudo, falta de compreensão de um dever que se assume para com a Pátria.

Nosso quartel e o material que nele se encontra devem, por isso, merecer o nosso maior zelo. São bens da Fazenda Nacional, são bens do Povo que contribuiu com impostos tirados do seu suor: o grau de compreensão dessa responsabilidade que nos cabe define o caráter do oficial. Seria desabonador, para qualquer um de nós, se fôssemos zelosos para com os nossos bens pessoais e displicentes para com os bens do Estado. O Regulamento n. 3 define a responsabilidade disciplinar e financeira do detentor desses bens, mas essa responsabilidade é, antes de tudo, de ordem moral porque, de qualquer forma, nós somos os defensores da Fazenda Nacional e até mesmo seus agentes.

Assim compreendendo, podemos nos traçar uma norma a seguir: cuidar do que pertence ao quartel pelo menos com o mesmo zelo com que cuidamos do que é nosso, do que custou o nosso dinheiro. Em outras palavras: considerar o Batalhão como se fosse uma nossa segunda casa.

Para que assim seja, torna-se necessário que inculquemos essa mesma idéia nos nossos subordinados, sem cuja colaboração consciente quase nada poderíamos fazer. Eles são também responsáveis e devem ser, a todo momento, advertidos dessa responsabilidade. Não nos percamos, porém, na teoria. Sejamos objetivos. Citemos um exemplo concreto. Nosso quartel é situado numa coxilha descampada, sem proteção, e, de vez em quando, açoitada por ventos fortíssimos, que penetram com violência em todos

os vãos dos pavilhões. As janelas dos alojamentos, se não estão fechadas ou calçadas, são as primeiras vítimas. Daí os vidros quebrados e as despesas permanentes com a sua reposição, somente por falta de cuidado do plantão da hora, do cabo de dia, etc., os quais seriam, certamente, mais zelosos se estivessem em casa, em dias de ventania. Não é moral essa negligência nem razoável que a Fazenda Nacional pague por ela. Outro exemplo: o de um fim de instrução, principalmente à noite. É comum que se percam ou se esqueçam, no terreno, pequenas peças do material, pela sofreguidão de regressar ao quartel. Esquece-se, muitas vezes, o cuidado essencial de recolher e conferir o material distribuído. Aliás, a distribuição do material merece a maior atenção para que fiquem bem definidos os responsáveis por uma eventual perda ou avaria. Numa Unidade motorizada, como é a nossa, o aspecto mais importante desse problema é a conservação das viaturas, pelo alto preço que elas representam e pelas dificuldades de repará-las. Não somos um país financeiramente rico nem temos ainda a produção de viaturas automóveis nacionais. Daí, o cuidado que merece de nós todo esse material, a começar pela formação do motorista, pela fiscalização do seu trabalho, que deve ser orientado e assistido com o maior cuidado.

É necessário, para isso, que cada motorista seja responsável pela sua viatura e somente pela sua viatura. O Comando do Batalhão tem procurado e conseguido que cada viatura tenha a sua garagem separada, o que permite tal divisão de responsabilidade. Por outro lado, não é permitido usar numa viatura, mesmo por empréstimo temporário, acessórios de outras. Tal prática é perniciosa e proibida pelas Instruções em vigor. Pelo fato de uma viatura estar sem pneus não se justifica, por exemplo, que sua bateria seja empregada em outra viatura que tem pneus mas não tem bateria. É essa a orientação das Instruções sobre o assunto.

## II — Deveres para com os homens que comandamos.

Comandar não é apenas dar ordens. Em primeiro lugar, é necessário saber dar ordens. Não basta que a ordem seja clara, concisa e precisa, quer escrita, quer verbal. Ela deve ser, antes de tudo, exequível, no que respeita aos elementos de execução: meios, tempo e capacidade do executante. Ela deve ser dada e controlada, sob pena do executante poder fugir à nossa ação de comando, o que conduz, progressivamente, ao enfraquecimento da autoridade.

Há vários processos de controle da execução de uma ordem. Cada um de nós pode, mesmo, criar processos próprios. De um modo geral, porém, é conveniente adotar as seguintes normas:

— o militar que dá uma ordem deve fiscalizar, direta ou indiretamente, a sua execução, e não deve deixar de fazê-lo em tempo oportuno;

— na execução de um serviço por mais de um homem, sempre um deles é o responsável. Na falta de um graduado, será o mais antigo;

— no caso de dificuldade de enquadramento, é preferível prescrever o serviço como tarefa, isto é, fixar o trabalho a ser executado e o tempo limite da sua execução. Qualquer antecipação sobre esse tempo será destinado ao repouso dos executantes.

A maneira de dar ordens requer muito cuidado. Devemos tratar com afeição os nossos subordinados e, ao mesmo tempo, devemos exercer sobre eles a autoridade de comando. Essa autoridade não implica, de maneira nenhuma, rispidez, arrogância, austeridade, pois não são tais maneiras ou atitudes que definem o Chefe. Ao contrário, ninguém pode comandar sem ter certeza de ser obedecido conscientemente, sem considerar os limites do razoável, seja na exequibilidade da ordem, seja na natureza humana do executante. Além disso, a afeição e o respeito dos comandados, em todos os escalões, constituem a

essência da disciplina militar, que deve ser consciente e consentida. Na vida de campanha, em situações difíceis, há, mesmo, momentos em que a afeição pelo Chefe e a confiança nas suas aptidões têm significação mais decisiva do que a expressão simbólica da sua graduação. Na hora da dificuldade e do perigo — e eu teria muitos exemplos a vos citar nesse sentido, — a coesão militar e a subordinação hierárquica repousam, principalmente, nos laços morais que ligam, entre si, comandantes e comandados, passando para segundo plano todas as considerações de ordem convencional.

O homem incorporado merece tudo de nós, como seus educadores, como seus camaradas mais experimentados, como seus chefes eventuais, durante o serviço militar que eles são chamados a prestar no cumprimento do dever de cidadãos.

Devemos tornar ao mesmo tempo eficiente e agradável a aprendizagem que ele fará sob a nossa direção. O processo principal de comandá-los é o do exemplo. O exemplo é tudo. É claro que ninguém poderá exigir pontualidade sem ser pontual. O mesmo princípio se aplica às demais exigências da disciplina militar: correção do uniforme, dedicação ao trabalho, amor à Unidade, respeito hierárquico, etc.

A instrução é o ato mais importante do serviço diário, como finalidade principal que traz o homem à caserna. Ela não deve, de modo algum, ser improvisada. A respeito disso, quero fazer duas recomendações principais:

1<sup>o</sup>) A hora da chamada matinal, já deve estar previsto o destino dos homens, seja na instrução, seja nos serviços;

2<sup>o</sup>) A qualquer momento do dia, um oficial que comanda conhece a situação dos seus homens, sabe onde eles estão e o que estão fazendo.

Daí resulta que o bom comandante sabe, de véspera, o destino que terá cada um dos seus homens depois da chamada da manhã, e está capacitado a apurar, no fim

do dia, a falta de qualquer um, para impedir que ela se repita. Assim enquadrado, o homem sente que está sendo comandado, principalmente quando não é desviado, no meio de um serviço ou de uma instrução, para outro trabalho que não era o previsto. Essa falta de previsão denota deficiência de comando e prejudica seriamente o ambiente disciplinar do quartel. Se todos trabalham e repousam dentro do mesmo horário é porque estão sendo comandados.

Ninguém comanda sem prever. Isso, no que respeita ao pessoal e ao material. É um sinal de negligência participar, à última hora, à autoridade superior, que tal serviço não foi feito ou tal instrução não foi dada por falta disso ou daquilo. É também falta de compreensão admitir-se que o simples fato de dar partes semelhantes importa, para o oficial, em exonerar-se das suas responsabilidades funcionais. Dificilmente se apresenta um problema urgente para o oficial diligente. Na maioria dos casos, não se trata de urgência, mas de falta de previsão. Assim acontece, por exemplo, quando se deixa terminar o estoque de determinado material de uso imprescindível para, em seguida, participar a ocorrência. Está em nós, ao nosso alcance, evitar tais situações que, a bem dizer, resultam do descaso.

Na maneira de nos conduzirmos quanto aos homens que comandamos, tenhamos sempre presente que eles são tirados das atividades civis para serem entregues aos nossos cuidados. A sua preparação, em tudo o que interessa à eficiência militar — instrução, disciplina, preparo moral e físico, conforto, alegria, etc. —, constitui a missão por excelência dos oficiais arremetidos, que nós somos. Eles devem sentir a nossa ação em todos esses aspectos, porque tudo isso é comandar. Se ele não a sente; se logra ausentar-se de um serviço sem ser controlado; se está passando mal no hospital e não é visitado; se é mal alimentado sem que seja tomada qualquer providência; se lhe ocorre uma desgraça na vida

privada, e não recebe do seu chefe uma palavra amiga, de conforto; se incorre numa falta e não é ouvido com atenção antes de ser punido; em tôdas essas situações, o homem tem a impressão de não estar sendo comandado. Porque comandar não é apenas exigir, dar ordens, exercer a autoridade. Comandar é, sobretudo, orientar, dirigir, ensinar, educar, assistir.

Quem comanda tem, sob sua guarda, um quartel (ou dependência) e uma carga, e tem sobre os ombros, sobretudo, a responsabilidade de formar reservistas num tempo e com um material limitados. Daí, não desperdiçar tempo nem material, e isso implica, principalmente, o cumprimento exato dos programas de instrução e o zelo pelo material. A pontualidade é, também, um preceito essencial na vida do quartel, tanto da parte dos comandados como da dos comandantes, que lhes devem dar o exemplo. Ela não atende, apenas, a uma exigência do Regulamento Disciplinar, mas à eficiência da instrução e da educação dos homens.

Não basta que exista o comandante; é necessário que exista a ação de comando. Uma coisa é ser comandante — decorrência automática do grau hierárquico; outra coisa é comandar, isto é, acionar os homens, dirigi-los, controlá-los. Um aspirante a oficial está legalmente habilitado a ser comandante, e o seu primeiro dever é habilitar-se a comandar, isto é, a exercer a ação de comando, com a consciência das prerrogativas e, sobretudo, dos deveres que ela implica. Tendes os conhecimentos profissionais imprescindíveis para a execução das missões inerentes aos postos iniciais da carreira. Eles assentam, porém, numa base escolar. Falta-vos o que ides ter, agora: o tirocínio prático, no quartel, o trato dos problemas reais de administração e de comando; o conhecimento direto dos homens, na sua multiplicidade de tipos mentais, psicológicos, físicos e morais. Tendes muito o que aprender, e eu espero que aprendais o máximo

na vossa passagem por esta Unidade. Em primeiro lugar, tereis à vossa disposição a nossa experiência de oficiais mais antigos e as tradições deste quartel, que são fruto do trabalho de muitos outros oficiais que por ele passaram. Depois, tereis a vossa própria experiência, que será adquirida através do estudo, das observações pessoais e, sobretudo, da vossa dedicação ao trabalho profissional.

### III — Conduta do oficial arregimentado.

Os principais deveres do oficial arregimentado éle os contraí, diretamente, perante a Unidade e perante os homens que nela servem. O conceito que cada um conquistará dos seus superiores e camaradas vai decorrer da sua conduta nesse duplo sentido.

Nossa Unidade é uma unidade de elite. Ela constitui um Batalhão de Engenharia de Combate. Pertence e está subordinada à 3ª Divisão de Infantaria, cujo Q.G. está localizado em Santa Maria, e daí a sua designação numérica: terceiro. Para efeito de administração e instrução, em tempo de paz, acha-se adida ao nosso B.E. uma Cia. Eq. Pnt., que não pertence organicamente nem ao B.E. nem à Divisão de Infantaria. É órgão de escalão superior. As companhias orgânicas do Batalhão são três: 2 de Engenharia de Combate e uma de comando e serviços. O conhecimento exato da organização, das missões e do material dessas companhias constitui o dever inicial dos oficiais que vêm servir no Batalhão. Em especial, devem os oficiais subalternos estudar o emprego da Cia. de Engenharia, e nesse sentido nós vos daremos a necessária orientação.

O coroamento da instrução do contingente comportará um "Exercício de combinação das Armas" a ser organizado pelo Comando da 3ª D.I. Será o teste decisivo da instrução do nosso Batalhão, e o resultado desse teste dependerá do preparo dos quadros e dos homens. Esse preparo deve ser vossa preocupação de todos os dias, pois não

pode ser improvisado à última hora. Sereis chamados a dirigir os homens que ides preparar, e isso vos obriga a instruí-los muito bem. Sereis chamados, também, a tomar decisões e dar ordens, e isso vos obriga a estudar as prescrições regulamentares sobre o emprego da tropa da Engenharia — pelotão e companhia. Daí, um outro cuidado que não deveis esquecer: estudar bem e instruir bem.

Para instruir, é necessário conhecer a instrução, o objetivo por ela visado e o homem. A instrução que ides ministrar está toda padronizada. Lêde os "programas padrões" em vigor, que discriminam os objetivos a atingir em cada fase, os assuntos a serem tratados e o tempo que deve ser atribuído a cada um deles, dosado de acordo com a sua importância relativa. O homem é que é a variável. Os instruendos que ides receber vêm de origens diferentes e são de tipo muito variável. Pobres e ricos, lavradores, estudantes, pedreiros, católicos e protestantes, inteligências vivas ou retardadas, compleições fortes ou fracas, etc., etc. Para bem prepará-los convém conhecê-los bem. Isso eu vos recomendo muito, sobretudo a vós que ides ter um contacto mais direto com os soldados do Batalhão. Sereis, assim, mais eficientes na instrução e mais justos nas medidas disciplinares, e as vossas observações diretas servirão de precioso subsídio à orientação do comando da Unidade. Os homens também vos observarão, em todos os aspectos da vida do quartel. Assim, o vosso exemplo influirá muitíssimo no aperfeiçoamento militar, moral e disciplinar do nosso Batalhão. Vosso entusiasmo profissional, vossa exata compreensão da disciplina, vossa dedicação ao trabalho e vosso amor ao 3º B.E. constituirão, para os homens incorporados, o melhor meio de aprimorar nossa Unidade.

No que respeita aos esportes, ela tem títulos excepcionais a conservar no futuro Campeonato Olímpico Regional. São tradições que devem ser defendidas e serão defendidas com a ajuda de todos nós.

É preciso, primeiro, preparar fisicamente todos os homens, sem distinção, porque o objetivo inicial é obtenção de um padrão médio apreciável. Depois, e somente depois, devemos selecionar os mais aptos, para submetê-los a um treinamento especial intensivo. E é preciso, também, que o oficial pratique os esportes, para manutenção do seu estado físico e para participação eventual nas equipes do Batalhão.

No que respeita à disciplina, bem sabeis que é nela que repousa a coesão e a eficiência de qualquer organização militar. Vós mesmos, como futuros chefes, colheiris, nesse terreno, os frutos que plantardes. É do vosso dever, não só praticá-la aprimoradamente, como ensinar-lhe e estimular-lhe a prática. O estudo meditado dos regulamentos respectivos vos servirá de guia na compreensão e na prática da disciplina, principalmente em face das ocorrências rotineiras da vida arregimentada. Um dos aspectos exteriores da disciplina é,

no militar, o apuro nos uniformes. Estou certo de que assim o compreenderéis, tanto mais que esse apuro constitui, em regra, uma virtude característica dos aspirantes formados pela Escola Militar. Ele revela, aliás, o gosto e o entusiasmo pela profissão militar, que ninguém adota a não ser por vocação, por vontade própria.

\* \*

Eis aí, meus prezados camaradas, alguns conselhos iniciais de quem vai ter a responsabilidade de preparar-vos para a confirmação do oficialato. Para que eles não se percam e possam ser recordados, eu vo-los darei por escrito.

Estou certo de que ides ser felizes no 3º B. E. e de que, em toda a continuação da vossa carreira militar, aqui iniciada, a lembrança desta temporada em que estamos trabalhando juntos, numa das melhores e mais tradicionais unidades do Exército, não será nunca esquecida por nenhum de vós.

# JOÃO TEIXEIRA

Materiais de construção em geral

RUA CARDOSO QUINTÃO N. 914

Tomaz Coelho — Distrito Federal